



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

SIMONE PEREIRA DA SILVA

RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO:
O papel dos(as) professore (as) na construção da
autoestima de crianças negras

Guarabira-PB
2011

SIMONE PEREIRA DA SILVA

RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO:
O papel dos(as) professores (as) na construção da
autoestima de crianças negras

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Prof^a. Ms. Ivonildes da Silva Fonseca

Guarabira-PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S587r

Silva, Simone Pereira da

Racismo, Preconceito e Discriminação: O papel dos(as) professores(as) na construção da autoestima de crianças negras / Simone Pereira da Silva. – Guarabira: UEPB, 2011.

34f.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Ivonildes da Silva Fonseca”.

1. Racismo 2. Preconceito
3. Discriminação I.Título.

22.ed.320.56

SIMONE PEREIRA DA SILVA

**RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO: O PAPEL
DOS (AS) PROFESSORES (AS) NA CONSTRUÇÃO DA
AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS**

Aprovada em 15 de junho de 2011

COMISSÃO EXAMINADORA

Ivonildes da Silva Fonseca

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Prof^a. Ms. Ivonildes da Silva Fonseca/Orientadora

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Prof^a. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira/examinadora

Waldecir Ferreira Chagas

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Prof^o. Dr^o. Waldecir Ferreira Chagas/examinador

Dedico este trabalho primeiramente a DEUS; por minha existência, pois amo a vida e por minhas preces serem atendidas, conseguindo realizar durante a convivência na Universidade as atividades desenvolvidas.

Aos meus queridos pais, Maria Luzinete e Sebastião, que me educaram com sabedoria e me ensinaram a cada dia caminhar com fé e esperança, mas em especial a minha mãe que sempre acreditou em meu potencial para superar as dificuldades, que mesmo tendo pouca escolaridade mostrou o valor que tem o conhecimento e que este pode mudar as nossas vidas dependendo de nossa fé e coragem.

As minhas queridas irmãs Aldejane e Aldayany, que sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

A toda minha família, em especial aos meus pais.

A todos os professores do curso de Pedagogia que passaram por minha turma, e posso afirmar que serão lembrados eternamente em meu coração em que fizeram o possível para que nos tornássemos novos cidadãos em meio à sociedade.

A meu noivo Marcelo e toda a sua família, que seu amor cativante por mim não mediram esforços para que continuasse a progredir em minha vida acadêmica, sendo estas pessoas especiais em desenvolvimento afetivo e educacional.

Aos amigos de sempre, ex-vice-prefeito José Eudes, Josafá, Gorett, Graça, Vandilsa, Eliane, Aldicélio, Tássia, Professora Silvania, a escola ENSL, Neta do sindicato, Professor Luiz Gonzaga, Paulo Hipólito, o motorista do ônibus Silvestre e sua esposa pela torcida sempre positiva, sendo pessoas importantíssimas em minha vida.

Um agradecimento especial à professora e minha orientadora a professora Ms. Ivonildes da Silva Fonseca, a qual nunca mediu esforços para me ajudar, no desenvolvimento deste trabalho monográfico, pela amizade construída, por sua paciência e sua crença de que eu era capaz de realizar esse trabalho, o qual me possibilitou concretizar o mais importante de todos os meus objetivos na vida, mostrando-me em seu papel de docente o quanto é gratificante ser professor.
MUITO OBRIGADA!

“A educação, no sentido em que a entendo, pode ser definida como a formação, por meio da instrução, de certos hábitos mentais e de certa perspectiva em relação à vida e ao mundo. Resta indagar de nós mesmos, que hábitos mentais e que gênero de perspectiva pode-se esperar como resultado da instrução? Um vez respondida essa questão, podemos tentar decidir com o que a ciência pode contribuir para a formação dos hábitos e da perspectiva que desejamos.”

(Bertrand Russell)

RESUMO

Temas como intolerância religiosa, escravidão, racismo, dentre outros ainda se tornam assuntos debatidos em nossa sociedade, ou por que não dizer em todo o mundo. Uma nova tendência de pensamentos e ações vem surgindo ao longo dos anos como uma forma de combate e prevenção de atitudes agressivas impulsionadas por uma crença que prega a existência de raças superiores, que devem superar as raças ditas como inferiores, sendo este, um argumento utilizado muitas vezes para justificar o domínio, enquanto estratégia de poder, levando a escravidão, não apenas do corpo, mas da alma de um povo, como também temos exemplos de domínio de determinados povos por outros, ressaltando em alguns o complexo de inferioridade, exemplo muito claro vivenciado na história de nosso País. Da mesma forma que episódios como os genocídios que ocorreram durante toda a história de nossa humanidade, são fatos presentes em nossa história e que devem ser debatidos com clareza dos fatos. Dessa forma o presente trabalho tem como finalidade expor a figura do professor enquanto colaborador e disseminador de conhecimento, por sua postura em sala de aula diante sua colaboração na construção da autoestima das crianças negras em seu processo de ensino e aprendizagem. O racismo tem assumido formas muito diferentes ao longo da história, cabe a nós, enquanto educadores desconstruir essa imagem de marginalização para que essas crianças possuam um novo futuro e construam uma nova nação, que se não livre de prática preconceituosa e racista, mas tolerante as questões da diversidade social, a que estamos constantemente expostos.

Palavras-chave: Racismo. Preconceito. Discriminação. Criança.

ABSTRACT

Topics such as religious intolerance, slavery, racism, among other issues discussed yet become in our society, or for that matter around the world. A new trend of thoughts and actions has emerged over the years as a way of combating and prevention of aggressive attitudes driven by a belief that preaches the existence of superior races, who must overcome the so-called races as inferior, and this is an argument used often to justify the field, as a strategy of power, leading to slavery, not only the body but the soul of a people, as we also have examples of certain domain by other people, highlighting some of the inferiority complex, eg very course experienced in the history of our country the same way that episodes like the genocides that have occurred throughout the history of our humanity, these are facts in our history and should be discussed with clarity the facts. Thus this work aims to expose the figure of the teacher as developer and disseminator of knowledge, for his stance in the classroom before their collaboration in building self-esteem of black children in their process of teaching and learning. Racism has assumed many different forms throughout history, it behooves us as educators deconstruct this image of marginalization to which these children have a new future and build a new nation, which is not free from prejudices and racist practices, but the tolerant issues of social diversity, we are constantly exposed to.

Keywords: Racism. Prejudice. Discrimination. Child.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
1. O SURGIMENTO DO RACISMO.....	13
1.2. O RACISMO NA ESCOLA.....	17
CAPÍTULO II	
2. A DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
CAPÍTULO III	
3. A EDUCAÇÃO NA ESCOLA.....	25
3.1A POSTURA DO PROFESSOR E A AUTONOMIA DAS CRIANÇAS NEGRAS.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

O Brasil caracteriza-se por uma pluralidade étnica, sendo este produto de um processo histórico que inseriu num mesmo cenário de grandes fontes culturais: a cultura negra, a cultura indígena, a cultura portuguesa e posteriormente, as diversas culturas trazidas pelos imigrantes, como por exemplo, a cultura japonesa e cultura italiana, tão presentes na miscigenação da cultura de algumas regiões de nosso país.

Desta forma, não poderíamos deixar de mencionar as grandes contribuições advindas desses povos, que tanto impulsionaram não apenas o nascimento de uma nova tradição, mas também, no campo da economia, trazendo consigo tecnologias e conhecimentos que não eram próprios de nosso país, mas que, foram congregados à nossa cultura dando, características que hoje parecem ter sido sempre nossas, os quais são essenciais para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da atual expressão que caracteriza o nosso Brasil.

Apesar dessa miscigenação cultural descrita acima as diferenças tornaram-se cada vez acentuadas ao longo das relações sociais estabelecidas entre as comunidades. Antropólogos, educadores e filósofos debatem todos os dias sobre questões voltadas para o racismo e suas práticas discriminatórias e preconceituosas, a exemplo temos os estudos do antropólogo Kabengele Munanga, que faz um alerta sobre a discriminação e os preconceitos, que através de uma falsa democracia racial e de suas declarações torna-se um empecilho para um processo verdadeiramente conscientizador de um povo.

Para que consigamos ter uma possível saída desse estado de inércia intelectual e emocional temos que recorrer a estratégias políticas e econômicas a fim de amenizar esta situação.

A intenção central, quando falamos em educação/escola/professor/aluno é a de desconstruir um círculo de marginalização que o professor/educador possa estar produzindo em suas ações em sala de aula, sem pensar que está contribuindo para a estigmatização de crianças negras, quebrando possíveis situações de discriminação. A escola é a responsável direta pelo processo de socialização e

desenvolvimento infantil, estabelecem relações com crianças de diferentes núcleos familiares, econômicos, sociais, religiosos, étnicos.

Quando tratamos de racismo e educação, temos a educação como uma possível forma de driblarmos esse cenário em que nos encontramos, a problematização dessas temáticas de inquestionável importância é fundamental no tocante das relações raciais dentro do espaço escolar, até que ponto a escola está sendo coerente com a sua função social quando se dispõem a ser um espaço que resguarda a diversidade cultural.

Sabemos que cada ser humano tem a sua forma de pensar, mas temos também que saber que devemos direcionar nossos pensamentos e ações que recusem o preconceito racial, não podemos nos deixar levar pela cor da pele para determinarmos o valor de uma pessoa, a cor da pele de alguém não pode ser símbolo, o respeito a diversidade deve ser constantemente trabalhado nas escolas, nas ruas, em casa, em todos os lugares em que haja sociedade. As questões raciais e econômicas também são determinantes para surgimento de práticas discriminatórias, o processo de exclusão que deriva das classes econômicas inferioriza o negro, não proporcionando a eles melhores condições de trabalho, posteriormente os deixando a margem de um processo econômico igualitário com as classes dominantes, muitas vezes os brancos. Todos nós temos capacidade de qualificação, temos que nos conversemos disso ideologicamente falando, ou seja, atrelamos adjetivos negativos a cor da pele de alguém não apenas se caracteriza como um ato preconceituoso, mas também uma ineficiência da capacidade cognitiva do ser humano. “Ora, o racismo é uma ideologia e, como tal, também foi concebido como uma estratégia de poder em acordo com as expectativas de parte de uma sociedade.”

É importante lembrarmos que a imagem do negro e do continente africano foi durante muito tempo forjado pelo olhar europeu, que tinha o homem branco como um símbolo de divindade, um ser de luz de Deus, por conta da cor de sua pele, o negro era um ser da escuridão, amaldiçoado, pela cor negra de sua pele, essa concepção foi sendo reinterpretado ao longo do tempo, mostrando o negro como uma coisa, existia apenas pra trabalhar, como mão-de-obra, um verdadeiro escravo, sem nenhum valor na sociedade.

Dizer que a convivência entre brancos e negros é fácil, não é, mas pode ser feita de forma respeitosa, onde cada um se reconhece enquanto ser construtor de pensamentos e que o conhecimento é para todos esses contatos diversificados poderá fazer da escola o primeiro espaço de vivência dos conflitos raciais.

A relação instituída entre crianças brancas e negras em sala de aula poderá advir de modo tenso, permitindo que a criança negra tome em alguns momentos uma postura introvertida, por medo de ser rejeitada, discriminada, pela cor de sua pele ou por suas características físicas em seu grupo social.

Dessa forma destaco no primeiro capítulo desta produção o surgimento do racismo e na escola com as crianças negras que se deparam a todo o momento com situações preconceituosas em sala de aula. Já no segundo capítulo foi abordado a diversidade cultural na Educação Infantil, afinal promover a quebra de preconceito racial diante de uma necessidade educacional este é o verdadeiro papel do professor comprometido com a promoção de uma escola, nos moldes da sociedade democrática. No terceiro e último capítulo direciono de forma especial a educação na escola e a postura do professor para elevar a autoestima das crianças negras em sala de aula. Uma forma de revertermos esta situação na qual encontramos nossas crianças, é que enquanto educadores deverão rever nossos valores para construir um novo país, mais justo e rico em sua diversidade cultural.

Para tanto o trabalho é de natureza qualitativa desenvolvida sob a pesquisa bibliográfica para compreender como os autores verificam a postura dos professores diante das discriminações existentes na sala de aula com as crianças negras e como poderá colaborar na construção da autoestima dessas crianças no âmbito escolar, em especial na educação infantil.

CAPÍTULO I

O SURGIMENTO DO RACISMO

Em uma ótica filosófica podemos definir o racismo como sendo o preconceito contra um “grupo racial”, na maioria das vezes distinto daquele a que pertence o sujeito, dessa forma é uma atitude subjetiva gerada por uma sequência de mecanismos sociais. Quando um grupo social dominante sente a necessidade de se distanciar de outro grupo que, por razões históricas, possui tradições ou comportamentos diferentes, esse grupo torna-se um grupo dominante, construindo a hegemonia sobre o outro grupo, que pode ser relacionado ao mito de superioridade racial.

Quando falamos de Racismo, não podemos dissociá-lo das práticas de preconceito e de discriminação. O preconceito é um sinal de uma sociedade fraca, ignorante e intolerante. A discriminação carrega uma violência simbólica e provoca inúmeras ocasiões de constrangimento e exclusão da pessoa, quando este comportamento é revelado na escola chega a prejudicar o desempenho escolar.

Quando nos deparamos com Racismo no Brasil percebemos no mínimo, uma atitude de estupidez e negação da formação da sociedade brasileira, uma vez que, o povo brasileiro tem em sua bagagem genética um caldeirão de raças, culturas e línguas. Como já dizia o antropólogo Darcy Ribeiro:

Nós, brasileiros, somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos viveu por séculos sem consciência de si... Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros... (RIBEIRO, 1995. p. 89.).

Desta forma, uma cultura hegemônica branca foi sendo imposta e foi revelando a cultura como instrumento poderoso de dominação. Sobre isso, o antropólogo Darcy Ribeiro, chamou de “Alienação Cultural” aquela que “consiste na introjeção espontânea ou induzida em um povo da consciência e da ideologia de outrem, correspondente a uma realidade que lhe é estranha e a interesses opostos aos seus”. Daí, observamos

que comportamentos racistas não deveriam ser incorporados por nosso povo, visto que, temos marcas profundas de miscigenação em nossa nação.

(...) Todos nós, brasileiros, somos carne de carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós sentidos e sofridos que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Como descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da maldade destilada e instilada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria. (RIBEIRO, 1995. p. 120).

O preconceito racial tem atravessado mudanças sociais, econômicas, culturais, políticas, ideológicas, desde longas datas de nossa história e que ainda se fazem presentes em nossa sociedade, e a escola não é uma exceção. Ele é produzido de várias formas, seja explícito ou implicitamente, atingindo todas as esferas da sociedade. Neste sentido, este trabalho ganha importância, na medida em que reflete sobre o rompimento do preconceito racial e busca possibilidades pedagógicas para contribuir com este processo. “A mais terrível de nossas heranças é essa de levar sempre conosco a cicatriz de tortura impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista” (RIBEIRO, 1995 P. 147).

Uma das consequências que vem atrelada às práticas de Racismo é o sentimento de desprezo. Este por sua vez atinge diretamente as relações humanas, causa a desvalorização de certos grupos sociais e por que não dizer grupos raciais. Através de ações afirmativas que discutam sobre a verdadeira situação do negro na comunidade é que estaremos dando passos para uma cultura de revalorização da identidade negra, ressaltando o sentimento de reconhecimento positivo de quem é negro.

Para esse reconhecimento positivo do negro é necessário mecanismos que garantam sua inserção na sociedade de forma efetiva. Nesse aspecto, a atuação de políticas de ações afirmativas pode ser um viés adequado, assim como expõe Bernadino:

As maneiras pelas quais as políticas de ação afirmativa podem atuar são várias: desde as políticas sensíveis ao critério racial, em que a raça é um dos critérios ao lado de outros, até as políticas de cotas, em que se reserva um percentual

de vagas para minorias políticas e culturais; neste último caso a raça passa a ser considerado um critério absoluto para a seleção da pessoa. Embora qualifiquemos cotas e políticas sensíveis à raça apenas como tipos diferentes de ação afirmativa, há aqueles que procuram tratar cotas e ações afirmativas como políticas públicas diferentes. (2002. p. 247-273).

As ações afirmativas são entendidas como políticas públicas com a pretensão de corrigir as desigualdades socioeconômicas, estas por sua vez decorrentes de práticas discriminatórias sofrida por algum grupo de pessoas. Essa discriminação pode ser advinda tanto de forma histórica, como a exemplo da situação do negro em nosso país e de situações atuais, onde nos deparamos com as discussões que giram em torno das cotas como alternativas de oportunidades para muitas pessoas. Longe de ser uma prática discriminatória, a cota para o ingresso no curso superior tem de estar disponível para quem não tem condições de cursar uma faculdade paga. Sendo assim,

O argumento a ser desenvolvido aqui não nega que as ações afirmativas pretendem corrigir problemas relacionados à justiça redistributiva experimentados pela população preta e parda, sobretudo no que diz respeito à desracialização da elite econômica e intelectual brasileira. Ao contrário, as ações afirmativas são concebidas como instrumentos eficazes de correção de problemas relativos à redistribuição de bens econômicos e cargos de poder a curto e médio prazo. Sem essas políticas estaremos adiando a composição da elite brasileira para as futuras gerações. (BERNADINO, 2002. p. 247-273).

Investigar a fundo o conceito que vem rondando o preconceito racial é antes de qualquer coisa uma tarefa difícil, que requer nos libertar de todo e qualquer preconceito, essa sem dúvida nenhuma é a tarefa mais difícil, é como discutirmos o mito da democracia racial, como um ideal de homogeneidade racial, onde todos são iguais, querer ser diferente seria ir contra esse ideal democrático, dessa forma estaríamos agora nos reconhecendo como somos uma mistura sem implicações políticas, econômicas ou sociais. O preconceito está pautado em um forte elemento emocional, fazendo com que os sujeitos se afastem de seu racional.

Sendo assim, busca-se por meio de novas concepções e de uma conscientização da sociedade compreender como são estabelecidas as relações raciais num dos espaços mais estruturantes de nossa sociedade, que é a escola, bem como sua contribuição para a formação da identidade das crianças negras.

Embora muitas pessoas neguem sua existência no Brasil, o preconceito racial está entre nós há séculos. Ele caminha junto com a história de nossa sociedade e só há alguns anos as medidas para eliminá-lo vêm ocorrendo com mais incidência. Por muito tempo, ao longo da história, foram desenvolvidos estudos e teorias que buscavam comprovar a superioridade da raça branca às demais. As teorias evolucionistas de Darwin foram uma das principais. Segundo a teoria da evolução, o fator branco teria sido o mais evoluído da espécie humana (PAULA, 2005, p.90). Mas hoje, o desafio é quebrar com essa visão unilateral e educar para a multiplicidade, para a diversidade e, porque não para as diferenças.

No Brasil, para entender o preconceito racial que ainda se faz presente em nossa sociedade, e na escola, devemos buscar respostas no passado, no período escravista brasileiro. São estereótipos produzidos e disseminados nesse período que ainda não foram desconstruídos, como por exemplo, crer na inferioridade do negro em relação ao branco, tendo como substrato elementos estéticos e a própria capacidade intelectual.

Conforme aponta Basbaum (1981, p.182), a incapacidade intelectual do negro foi instituída pelos europeus pelo fato de o negro estar muito ligado à sua cultura, à cultura de seus antepassados. Por tais motivos, os racistas elaboraram o discurso de que o negro era incapaz de progredir nas ciências e nas artes. Por estarem os negros muito apegados à sua “cultura primitiva”, a elite branca não acreditava que fossem capazes de abrirem-se cognitivamente para a erudição. O branco europeu como colonizador impôs seu padrão de vida aos povos colonizados – índios e negros. Até o conceito de beleza também é fruto dessa imposição (SEVCENKO, 1999).

A ideologia que justificava que os negros eram inferiores também faz parte de conjunto de subjugação econômica quando para justificar a escravidão a teoria da raça inferior foi sendo arquitetada.

Então, todo preconceito racial que ainda resiste/existe em nossas salas de aulas são reflexos da construção histórica da sociedade brasileira. Portanto, pensando na educação para o respeito à diversidade, o professor deve ter um plausível conhecimento histórico do surgimento de tais preconceitos, para que ele possa

desconstruí-los e entendê-los e assim possa rever suas posturas, guiando as crianças para um convívio mais respeitoso entre elas.

O racismo e a discriminação racial permaneceram difundidos em todo o mundo. Apesar das muitas ações contra as práticas abusivas ainda encontramos vítimas frequentes desses abusos sejam nos ambientes de trabalho, nas escolas, Universidades, enfim onde o novo e o diferente incomodam ou divergem de seus interesses gera conflitos de ordem social, cultural e racial.

Como disse o antropólogo Kabengele Munanga, em uma matéria na revista Raça Brasil, sobre os processos que levam e fazem surgir outros racistas: “Um sistema social caracterizado pelo racismo precisa sempre criar novos racistas para se manter. Assim a sociedade produz carrascos com pouca chance de escolha” (MUNANGA, 2000, p.15).

Embora do intercuro cultural acima descrito, exista, as diferenças se acentuam, induzindo à formação de uma categoria de classes que admitia a evidencia na distância e na importância social entre brancos e negros. Apesar das muitas lutas travadas ao longo dos séculos, os negros permanecem em situação de desigualdade até hoje, situando-se na marginalidade e exclusão social, sendo esta última compreendida por uma relação estabelecida entre economia, política e cultura. Sem uma assistência devida dos órgãos responsáveis, Estado, Municípios e União, os sujeitos das camadas menos favorecidas tornam-se ausentes no exercício de sua própria cidadania.

Sendo assim dentro dessa perspectiva, é possível compreendermos que as diversidades existentes entre os grupos étnicos e sociais se tornaram pontos de conflito, gerando conseqüentemente atitudes discriminatórias e preconceituosas, de desvalorização do caráter humano, desvirtuando o propósito de cidadania e exercício democrático de sua identidade cultural.

2.1. O RACISMO NA ESCOLA

Integrar, respeitar, entender, conhecer, incluir, são atitudes que devem fazer parte de um ambiente produtor e construtor de conhecimentos composto pela diversidade cultural, este ambiente é a escola.

Ainda encontramos os negros, em péssimas condições, seja nas condições de trabalho, que desqualificam o trabalhador pela cor de sua pele e não por sua capacidade intelectual e produtora, seja nos campos educacionais, ao proporcionar péssimas condições unidades públicas, que atendem a maior parte dessas crianças, marginalizada pelas dificuldades socioeconômicas dificultando o acesso a uma educação de qualidade, que socialize a criança negra e prepare o jovem para enfrentar o mercado de trabalho.

Em uma discussão anunciada por Cavalleiro quando em sua pesquisa de mestrado realizada em escolas de São Paulo, a mesma observou uma professora que fez a pergunta à classe. O professor/a perguntou se os alunos/as sabiam explicar o motivo pelo qual o negro tinha a cor escura. Um aluno branco respondeu: porque são feitos de porcarias. (CAVALLEIRO, 2001). Isso traduz o tamanho do problema que professores têm que enfrentar. Atitudes essas que emanam de uma cultura racista e preconceituosa a qual somos herdeiros, e que é reproduzida de maneira implícita e explícita pela mídia, pelos meios de comunicação, pela família e também pela própria escola. Nesse momento o termo porcaria estaria associado à cor da pele, como ao sujo, indigno, incutido na educação de muitas crianças sobre as pessoas negras, ditados populares são muito presentes em nossa cultura e nossos diálogos, quando nos referirmos a uma coisa mal feita alguns logo dizem: “*serviço de negro mesmo*”. E na escola de Educação Infantil, como podemos pensar nesta questão?

Crianças principalmente são mais perceptíveis aos aspectos estéticos das pessoas e mais expressivo dos seus pares. Uma criança branca, que tenha absorvido concepções preconceituosas, provenientes do seu lugar social, da mídia e dos meios de comunicação, não nos impressiona que esta criança coloque apelidos degradantes às crianças de pele escura e de cabelos crespos no ambiente escolar.

Não bastando, muitos professores acabam contribuindo para a concepção de inferioridade da criança negra com relação às brancas, seja por seu discurso e/ou material didático utilizado. Com relação ao discurso do professor, ele tanto pode pecar

pelo discurso ou pelo não-discurso. De forma direta o professor pode apelidar ou zombar de um aluno por ser negro usando determinados termos, como “filhote de São Benedito”, “cães em figura de gente”, como registrou Cavalleiro (2001, p. 38) em sua pesquisa.

Ainda com relação à postura do professor, o não-discurso – ou o não-dito – torna-se o mais perigoso e difícil de ser combatido, porque ele vem “às escondidas”, de maneira silenciosa, imperceptível – mas não para as crianças negras. Se um professor presenciar uma atitude racista de seus alunos e, de ante da cena não intervir, não orientá-los, ele estará autorizando que essa prática continue (SILVA; HIPÓLITO, 2009, p. 7), visto que ele representa para o aluno a autoridade da sala e, portanto, o legitimador das atitudes.

O discurso do professor também pode estar vinculado ao material didático e paradidático utilizados em sala de aula. Ou seja, o professor acaba transmitindo o preconceito presente nestes materiais. Em vários livros o negro é colocado como o ignorante, o subordinado, o indiferente quanto a sua cor e traços físicos (SILVA JR, 2002, p.54).

A escola ainda não está preparada para enfrentar os preconceitos e a discriminação, que permeiam a nossa sociedade socializar é a melhor forma de conscientizar o aluno, uma vez que, a escola é um espaço público, agindo a criança com mais força, quando se trata de questões voltadas a práticas discriminadoras. A socialização deve partir da conscientização de que todos nós temos o nosso valor e que não é a cor da pele de alguém que determina quem ela é, e que papel deva desempenhar em meio a sociedade.

A escola deve mostrar o verdadeiro papel do negro na história do Brasil, não apenas quando se fala na escravidão, mas na sua participação na construção da sociedade brasileira mostrando que nenhuma cultura é melhor do que a outra. O espaço escolar deve ser um espaço de combate ao preconceito, ressaltando sua função primordial, à de preparar cidadãos para enfrentar questões sociais, a diversidade religiosa, racial, sexual, de classes, política, econômica e etc.

Quando se trata desse papel da escola devemos nos remeter a Lei 10.639/03 que altera Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabelece

obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica e o Parecer nº 1/04 do CNE que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnorraciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Em seu texto, esse documento exige modalidades de atualização continuada para educadores, ou seja, professores, coordenadores, gestores, tanto para repertório informativo específico como para formação de excelência na matéria, conforme almeja a regulamentação.

Os programas curriculares trabalhados em nossas escolas não ajudam nem um pouco, onde muitas vezes fortalece os mecanismos de exclusão, impedindo que a escola cumpra seu verdadeiro papel na sociedade.

Podemos encontrar no cotidiano escolar a criança negra que é ilustrada e descrita através de imagens e estereótipos que inferiorizam a sua identidade de forma sutil. Ao vincularmos estereótipos negativos às crianças negras estaremos difundindo a ideologia de inferioridade, que é o racismo, com uma representação negativa de si própria, vislumbrando a imagem positiva do outro, com superioridade racial.

Apelidos pejorativos, piadas preconceituosas, olhares desconfiados, exclusão do convívio social com o grupo. Esse tipo de inferiorização não pode ser considerada apenas se assim proceder como uma brincadeira. Os professores não devem permitir este tipo de comportamento, pois estariam legitimando a prática do preconceito racial no ambiente escolar.

Na escola, um grande difusor da concepção de inferioridade poderá ser o livro didático, quando ele faz apresentação de imagens caricatas de crianças negras em textos didáticos, ou contextos depreciativos, bem como os métodos e currículos aplicados, que muitas vezes são formas de divulgação da cultura dominante sobre os dominados, aos quais passam a acolher os interesses da ideologia dominante, que objetiva concretizar a suposta inferioridade de determinados grupos, já que neles percebemos a falta da presença e importância dos conteúdos que envolvem a questão negra. Assim como salienta Silva (2001, p.14)

No livro didático a humanidade e cidadania, na maioria das vezes, é representada pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os povos indígenas, entre outros são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar a sua existência.

O que vemos na maioria dos livros didáticos é o estereótipo do negro escravizado, marginalizado, com poucos recursos para sua sobrevivência. A representação dotada de persistência histórica presente numa imagem representa parcialmente a realidade. As mensagens ideológicas trazidas nos livros didáticos são repassadas por nossos professores em sala de aula. A ideologia do branqueamento se evidencia no momento em que descartamos a existência dos não brancos como parte integrante e efetiva na comunidade. O descarte provoca a invisibilidade do outro, fazendo-o com acabem negando sua identidade:

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto rejeição, resultando em rejeição e negação de seus valores culturais e preferenciais pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações. (SILVA, 2001. p. 14)

A escola deve combater todo e qualquer tipo de discriminação e preconceito, pois essas ideologias tomam uma dimensão mais agravante quando nos damos conta de nossos receptores, as crianças.

São crianças em processo de desenvolvimento cognitivo, emocional, funcional e social, que podem incorporar mais naturalmente as mensagens com conteúdos discriminatórios, comprovando a necessidade de promover justificar a agressão, como forma de preconceito, com atitudes negativas com relação a uma pessoa ou grupo de pessoas.

Dessa forma, compreendemos que a escola tanto pode ser um espaço de disseminação quanto um meio eficaz de prevenção e diminuição do preconceito, assim a questão racial poderá ser tratada com uma postura crítica, com o auxílio de instrumentos pedagógicos e metodologias de ensino que venham a contribuir para a constituição de novos conceitos e conhecimentos, reafirmando em sala de aula os conhecimentos produzidos por todos, sem distinção de raça, cor, religião.

Quando a criança é vítima da discriminação em sala de aula ela apresenta problemas de relacionamento, queda na produtividade escolar e fobia em relação ao ambiente escolar, prejudicando todo seu processo de ensino e aprendizado. Nesse

sentido, o professor (as) são peças fundamentais na luta contra a propagação do preconceito racial em sala de aula. O desenvolvimento de práticas simples, como uma brincadeira, uma história lida, um teatro encenado, que integrem crianças negras são formas interessantes de recuperar a auto-estima destas crianças.

A educação tem um papel essencial para mudar a direção de discriminação e preconceito nas escolas. Enquanto educadores têm de mostrar para os alunos a verdadeira formação social da população brasileira, daí a necessidade de desmontar o preconceito racial ultrapassando os muros da escola.

Acredita-se que na medida em que as escolas tomarem consciência política que apresente uma nova concepção desses povos na formação de nossa sociedade conseguirá desconstruir o estigma da desigualdade.

CAPÍTULO II

A DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Desde a constituição brasileira de 1988, o país vem tentando se ajustar as demandas de uma educação que contemple nossa diversidade sociocultural. Foi nesse intuito que se criou a Lei nº 9.394/96, estabelecendo entre outras coisas a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, uma vez que pesquisas e voz da militância negra brasileira comprovou-se que as/os estudantes negros/as sofriam fracassos na escola devido ao preconceito étnico-racial, o racismo. Assim foi criada a Lei 10.639/03 que alterou a LDB 9.394/96.

A Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, obriga o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos ensinos fundamental e médio das instituições públicas e privadas do país. Em 10 de março de 2008 a Lei nº 10.639/03 foi alterada pela Lei nº 11.645 para incluir no currículo escolar o ensino da história e cultura indígena e tornar a educação brasileira mais democrática.

O que percebemos diante dessas leis é que a educação infantil é pouco pensada pelas políticas educacionais brasileiras. A educação infantil também necessita de políticas que obriguem o trabalho com a educação étnico e racial e a diversidade cultural. É de suma importância trabalhar a diversidade desde a infância, pois ao ser preparada desde cedo a criança conseguirá combater o preconceito na relação entre seus pares.

A escola tem como desafio desenvolver momentos pedagógicos que valorize as diversas identidades culturais. Todos os funcionários educacionais devem oferecer oportunidades para que as crianças possam fazer uma interpretação de mundo, conhecendo e vivenciando a sua própria diversidade e a dos colegas.

É necessário valorizar e respeitar os negros e índios e suas culturas para compreender seus valores e lutar pela liberdade de expressão e inclusão nos espaços sociais, criando condições para que os mesmos não sejam rejeitados por causa da sua cor de pele; menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos.

Diante da valorização do negro e do índio na sociedade, não cabe só apenas a escola lutar contra as discriminações e desigualdades, mas a família, os meios de comunicação de massa, também será importante nesse combate, para educá-los mostrando que eles não são inferiores por causa de sua cor e cultura e que dispõem dos mesmos direitos e deveres.

Com relação aos profissionais em sala de aula eles precisam estar preparados para trabalhar a diversidade, verificando se suas práticas pedagógicas ajudam realmente a preparar as crianças na conscientização das relações étnico e raciais, uma vez que:

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivamente da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e as discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. (BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais, p.14, 2004)

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO NA ESCOLA

A educação é sim um direito de todos, sendo essencial para a construção de um país mais justo, que abram “portas” para o respeito às diferenças culturais, de gênero, de orientação sexual, étnicos e raciais, proporcionando à igualdade de oportunidades sociais a todas as pessoas.

A educação escolar está diretamente comprometida com o projeto coletivo que caracteriza a mudança social. A escola deve, em seu processo educacional, promover e interferir na modificação que conduz o educando um uma real transformação com princípio de cidadania e democracia.

Muitas vezes encontramos no cotidiano da escola crianças negras chegando às escolas com um semblante de derrota, com sofrimento, constrangimento estampado em seus rostos. A discriminação e preconceito vividos todos os dias em nossa comunidade se refletem enquanto imagens negativas, interferindo na relação criança/escola, sendo um motivo de reforço para minar o processo ensino-aprendizagem.

A criança não encontra na escola o espaço adequado para o seu desenvolvimento e de suas capacidades. Quando a criança se sente humilhada no ambiente escolar é hora de arregaçar as mangas e mudar a didática, não podemos disseminar a cultura racista que impõe ao negro a imagem de negatividade, inferioridade, imposta pela sociedade ignorante e desprovida de conhecimento, humanidade e respeito.

A falta de compatibilidade entre escola e a criança negra resulta no fracasso escolar, na evasão, constantes repetências, como forma de impor aos negros um futuro marcado, ou melhor, a sua predestinação ao fracasso, contribuindo para que a criança cresça acostumada a fracassar, desistir diante as dificuldades que se são impostas insegurança na tomada de decisões, desestimulando o aprender e mais a conhecer sua própria identidade, sua gente, seu berço cultural, sua verdadeira história.

Comemorar o dia do negro, o folclore, a abolição da escravatura, não é o bastante. Esses episódios apenas refletem a má qualificação de nossos materiais

didáticos, nossos professores, nossas escolas, ou por assim dizer de todo o sistema curricular escolar.

Devemos combater o racismo no âmbito escolar, social e familiar, focando o preconceito que está implícito no nosso cotidiano escolar em nossas casas. A escola também colabora para que determinados grupos sociais se configurem como hierarquicamente superiores, seja nas relações sociais de gênero e étnicas, especialmente quando privilegia a disseminação de histórias e contos de tradição oriundas da Europa, onde as personagens sempre são brancas, altas, cabelos lisos e loiros, apresentando uma posição social privilegiada, reis, rainhas, príncipes, como esses cargos fossem unicamente europeus, omitindo que no continente africano também há todas essas categorias, criando um mal entre as crianças diferentes daquele espaço, proporcionando um ambiente propício à violência.

Neste caso, cria uma forma simbólica de violência, reafirma a imagem negativa dos descendentes de negros, reafirma o imaginário da perfeição e da beleza, bem diferente da realidade vivida por esse grupo étnico.

A escola pode e deve fazer de tudo para ajudar a acabar com o racismo, com a ajuda da família pode-se fazer a diferença na educação contra o racismo. Conscientizando nossos filhos e alunos para que entendam que o racismo é uma prática criminosa. Assim deixaremos o preconceito racial de lado e trabalharemos para uma melhora de nossa educação. Esse empreendimento depende do envolvimento de todos, pois

Sabemos que a tarefa inerente e principal de toda estrutura educacional, especialmente a escola, é a de promover o desenvolvimento e a aprendizagem do ser humano nas diferentes dimensões: sociais, cognitivas, emocionais e motoras. Na sociedade humana e industrializada, a escola tem a função social, na medida em que compartilha com as famílias a educação das crianças; uma função política, no que diz respeito à contribuição para a formação de cidadãos; e uma função pedagógica, pois é o local privilegiado para a transmissão-construção de um conjunto de conhecimentos relevantes e formas de operar intelectualmente, segundo padrões deste social e cultural. (REGO, 1998. p. 50-51)

3.1. A POSTURA DO PROFESSOR E A AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS NEGRAS

Na maioria das vezes, os professores não estão preparados para lidar com as diferenças, muitos deles já se mostram predispostos a não esperar o melhor resultado do estudante negro, advindo das camadas menos favorecidas.

O educador deve contribuir para a formação de uma identidade cultural e nacional, ressaltando a diversidade e riqueza cultural que temos em nosso país. O despreparo dos professores é visível quando a eles foi pedido que trabalhassem temas geradores, como é o caso do racismo, os livros didáticos estão repletos de lacunas que devem ser preenchidas e muito da cultura elitista deve ser revisto, é importante que ressaltemos que o Ministério da Educação (MEC) solicitou dos educadores medidas de retificação de seus escritos, a fim de corrigir aquilo que não se apresenta correto.

O discurso “teológico” de que somos todos iguais não minimiza o preconceito, visto que a criança irá olhar para seu colega ao seu lado e notará que o professor estará mentindo, pois perceberá que as suas diferenças vão muito além da cor da pele, e não precisa saber muito para enxergar isso. Então a proposta será que os professores orientem as crianças para as diferenças. Uma visão do cotidiano de professor é fundamental para que possamos saber como ele orienta a sua prática, como dizia Aquino:

Conhecer melhor a realidade dos educadores significa também, no nosso entender, compreender seu pensamento, suas crenças, hipóteses, concepções e princípios explicativos. Os professores têm conhecimentos e ideias (baseados na sua experiência de vida como aluno e profissional) que, quando revelados, podem oferecer interessantes perspectivas para a pesquisa educacional, assim como pistas e subsídios na busca de novos modos de ação junto a eles. (REGO, 1998, p. 52.)

Somos iguais sim, em direitos e deveres, porque somos todos seres humanos, mas somos diferentes em nossas particularidades, em nossas especificidades. O que o professor deve se empenhar é fazer com que as crianças compreendam que nenhuma de nossas “diferenças” se sobrepõe às de outrem, sejamos negros ou brancos, índios ou asiáticos; católicos ou protestantes, candomblecistas ou espíritas; nenhuns desses

elementos são melhores ou piores, superiores ou inferiores; todos têm o mesmo valor e importância dentro da sociedade.

Mas para tal empreendimento é preciso desconstruir a imagem inferiorizada do negro, eliminando certos estereótipos cravados no senso comum e que afetam nossas crianças negras. “Falar em autoestima das crianças pequenas significa compreender a singularidade de cada uma delas em seus aspectos corporais, culturais e étnico-raciais” (SOUZA; CROSO, 2007, p22).

Como a autoestima está intrinsecamente ligada a autoimagem? Como uma criança negra pode ter uma autoestima com sua imagem degradada pelo preconceito e o racismo?

Nesse sentido, o professor é peça fundamental na quebra do preconceito e na recuperação da autoestima das crianças negras. “O professor pode vir a ser um mediador inconsciente dos estereótipos se for formado numa visão acrítica das instituições e numa ciência tecnicista e positivista, que não contempla outras formas de ação e reflexão.”

(...) Nesta perspectiva, cabe ao educador à tarefa de fazer a mediação entre a criança e o conhecimento acumulado em uma cultura, possibilitar que a criança construa conhecimentos (acerca do mundo físico e social e de si mesma), e, como consequência, propiciar, desafiar e facilitar o desenvolvimento infantil. (REGO, 1998, p. 51).

Ele pode valorizar o negro e sua cultura de várias maneiras utilizando materiais didáticos mais adequados, investindo em atividades em grupos que propicie a relação entre os alunos, confeccionando cartazes que demonstre a importância do negro na sociedade brasileira e expondo-os em semanas culturais (PINTO; MORÃO, 1999, p.10-17) e, assim, melhorar a autoestima das crianças negras em sala de aula. Neste intuito,

(...) se pretendermos que os professores valorizem, respeitem e ampliem o conhecimento que as crianças já possuem (ao ingressarem na escola ou no aprendizado de quaisquer conteúdos), que formem indivíduos conflitantes, críticos, autônomos e reflexivos, que estabeleçam uma relação democrática com as crianças, que entendam que o erro é uma hipótese de conhecimento e, portanto, um caminho necessário para aprender etc., devemos fazer o mesmo em relação ao processo de aprendizagem do professor. Com isto queremos dizer que os que trabalham na área de formação de professores não podem esperar mudanças na atuação do professor junto aos seus alunos se não

mudarem também a sua forma de atuar junto aos professores. (REGO, 1998. p. 54)

Sendo assim, as práticas dos professores em sala de aula devem ser norteadas na perspectiva de incluir os diferentes sujeitos, proporcionando atividades que estabeleçam o convívio pacífico e democrático no ambiente escolar. Só assim as crianças negras se sentiram como partes integrantes do processo educacional, melhorando, assim, suas autoestimas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o tema racismo, discriminação e preconceito contra as crianças negras no âmbito escolar significaram trazer indagações no contexto de processos sociais, políticos e culturais mais amplos, que afetam as relações construídas nas nossas instituições de ensino.

Durante muito tempo o preconceito ronda as nossas escolas e é apenas mascarado com o trabalho de alguns educadores tentando, de certa forma, desmistificar a cultura racista e preconceituosa existente em nossas práticas curriculares e pedagógicas. Apesar das muitas políticas de combate às posturas racistas, encontramos muitos educadores e alunos se comportando de maneira discriminadora e daí a necessidade da prevenção de atitudes como essas, agressivas que são impulsionadas por uma crença que embute à existência de raças superiores às outras.

Um dos maiores desafios é o de promover a qualidade do ensino buscando criar condições de articulação efetiva entre *estados e municípios* para a superação da fragmentação entre as duas esferas, fazendo com que os educadores se conscientizem contra uma ação preconceituosa versus um ou mais grupos sociais e raciais, não permitindo que esse tipo de sentimento se instale em nossas salas de aula, onde muito menos em nossas escolas.

Não se pode negar que mesmo com a implementação e desenvolvimento de projetos que incentivem todo o processo educativo ainda estamos muito longe de atingirmos excelência em nossas práticas de ensino, porém não é difícil.

A prática de professores na participação nos processos de ensino e aprendizagem contra ações preconceituosas, por si só, não retiram as ações necessárias para que seja assegurada a qualidade do ensino, porém, asseguram o desenvolvimento de formação da ideia frente aos professores que possibilitam a solução de alguns problemas enfrentados em sala de aula.

A escola precisa ter liderança e compromisso com a qualidade da educação, como já mencionamos, a qual possibilite ao aluno avançar cada dia mais nos mais variados aspectos sociais, intelectuais, políticos e humanos.

Em uma perspectiva democrática, socializadora e desprendida de todo e qualquer preconceito a prática do educador abrange a dinâmica das interações em decorrência do trabalho com a prática social, uma vez que, o processo socializador faz-se presentes nas ações que nos igualam frente às práticas pedagógicas executadas na escola.

REFERÊNCIAS

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República: de 1889 a 1930**. ed. 4ª. São Paulo: Alfa-Ômega, 1981.

BERNADINO, Joaze. **Ação Afirmativa e Rediscussão do Mito da Democracia Racial no Brasil**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº2, 2002, p. 247-273, ed.4ª.

BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2004.

BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica / MEC, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 1998.

CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

GERALDI, João W. (org). **O texto na sala de aula**. ed. 3ª, São Paulo: Ática, 2004.

KAUFMAN, Ana Maria. **A Leitura, a Escrita e a Escola: uma experiência construtivista**. Porto Alegre: Arte Médicas, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Racismo esta luta é de todos**. Revista Raça Brasil. Ano 5. nº. 50. Editora Símbolo, outubro, 2000.

PAULA, Adilton de. **Educar o Brasil com raça: “das raças ao racismo que ninguém vê”**. In: Santos, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira da. **Racismo no Brasil; Percepções da discriminação e do preconceito no século XXI**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p.89-93.

PINTO, Tânia Regina; MORÃO, Leonardo. **O silêncio vai acabar**. Nova Escola, Ano XIV, nº. 120, p. 10-17, março, 1999.

REGO, Teresa Cristina R. Educação, cultura e desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as diferenças individuais. In: AQUINO (org) **Diferenças e Preconceitos na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. ed. 2ª. São Paulo. Companhia da Letras, 1995.

SANTO, Gislene Aparecida dos. **Estudos Afro-Asiático, Selvagens, Exóticos, Demoníacos. Idéias e imagens sobre uma gente de cor preta**. in.: Estudos Afro Asiáticos, Ano 24. nº. 2, p. 227, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA JR, Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais**. Brasília: UNESCO, 2002.

SILVA, Ana Celia da. **A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático**, p. 14, 2001.

SILVA, Marcia Ramos da; HIPÓLITO, Paulo. **“Segregação identidades”**: como a imagem das crianças negra é construída em sala de aula. **Perspectivas em Educação**. nº. 6, Ano 2, p.1-11, mai/jun/jul/ago. 2009. Disponível em: <http://www.unicaieiras.com.br/revista/artigos.html>. Acessado em 10/02/2011.

SOUZA, Ana Lucia Silva; CROSO, Camila (orgs). **Igualdades das relações étnico-raciais na escola: possibilidades e desafios para a implantação da Lei 10.639/2003**. São Paulo: Petrópolis: Ação Educativa, Ceafro e Ceert. 2007.